

- Berlin, 26,p.1-185, 1911.
- ROUVERET, A. *Histoire et imaginaire de la peinture ancienne (V av. J.C. - I apr. J.C.)*. Roma: École Française de Rome, 1989.
- SCHEFOLD, K. *La peinture pompéienne. Essai sur l'évolution de sa signification*. Bruxelles: Latomus, 1972.
- WHITE, J. *Perspective in ancient drawing and painting*. Londres: South Press of Hall Studies, 1957

PEDRO PAULO ABREU FUNARI
Departamento de História
Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas

MAZZARINO, Santo. *O fim do mundo antigo* - Tradução de Pier Luiz Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1991, 231p.

O livro de Santo Mazzarino foi reeditado na Itália em 1988 (Milano: Rizzoli). Publicado em 1959, este clássico da historiografia moderna mereceu traduções para o inglês (1966) e para o francês (1973). No Brasil, somente agora é que o público leitor tem acesso a uma tradução portuguesa, por iniciativa da Editora Martins Fontes.

Professor de História Romana na Universidade de Roma, Mazzarino trouxe em sua longa carreira uma contribuição decisiva ao estudo da Antigüidade Clássica. Suas obras *Aspetti sociali del quarto secolo* (1951), *Il pensiero storico classico* (1966), *L'impero romano* (1973), *Antico, tardoantico ed era costantiniana* (1974-1980) renovaram a abordagem do denominado Império

Tardio.

Segundo afirma em sua "Premissa", *O fim do mundo antigo* é um livro no qual o A. procurou delinear uma história dos conceitos de "decadência" e "morte de Roma", da maneira como foram percebidos e desenvolvidos a partir do século II a.C. até hoje.

O tema da "morte de Roma" sempre suscitou discussões e variadas interpretações sobre o sentido da crise que acometeu o mundo antigo entre os séculos V e VI d.C., levando da unidade imperial romana à fragmentação.

Em Políbio já é possível detectar na sua reflexão sobre a grandeza de Roma uma inquietação pela futura "ruína" de Roma. No pensamento polibiano desenvolvem-se duas vertentes: a interpretação "interna" - aplicada à estrutura constitucional do império romano, concluindo que a ruína advirá da impossibilidade de superar os conflitos sociais; e a interpretação "externa" - aplicada ao caso da "barbarização" de um estado helenístico. Estas duas explicações persistiram nas hipóteses posteriores relativas ao fim do mundo antigo.

Na época da crise da República, a decadência aparece ligada ao desaparecimento da antiga "virtus"; a crise dos costumes implica em consequências políticas. *Inclinata res publica* é uma fórmula utilizada tanto por Salústio quanto por Cícero.

Nos autores ligados ao cristianismo, Mazzarino distingue duas posições divergentes: alguns conciliavam o império de Roma e a nova religião; outros, violentamente anti-romanos, procuravam uma explicação para sua queda iminente devido à chegada do Anti-Cristo prestes a ser derrotado pelo Senhor. O fim de Roma ligava-se à idéia de fim do mundo. A visão apocalíptica e escatológica de Hipólito situava este acontecimento em cerca de 500 d.C., atribuindo-o ao surgimento das "democracias". Esta colocação é endossada por Maz-

zarino; para ele, o fim do mundo antigo foi em larga medida uma vitória das partes sobre o todo, da periferia sobre o centro enfraquecido. O problema das "nações", as "democracias" que um dia dividiriam entre si o império de Roma, dominou o pensamento de Hipólito e ocupa na interpretação do A. um lugar destacado. Este considera os cristãos como "uma minoria criadora", capaz de intuir a posição dos germanos como o centro da nova história, contraposto a Roma.

A idéia de decadência era partilhada pelas velhas classes tradicionalistas romanas: o imperador Juliano afirmava que o império estava "doente" e em declínio. O anônimo autor do *DE REBUS BELLICIS* propunha reformas econômicas e do aparato burocrático; este opúsculo constitui-se num documento sobre a maneira como o conceito de "decadência" era desenvolvido pelos homens mais dedicados à preservação do Estado romano. Amiano Marcelino atribui a origem da decadência romana à excessiva burocratização e à opressão tributária.

Na mesma época, Ambrósio, bispo de Milão, falava de inimigos externos e inimigos internos: traçando um balanço, colocava de uma parte a migração de povos (os godos); de outra, denunciava a crise moral (as paixões, sobretudo a ambição por dinheiro e domínio, que tinha afastado os homens do direito da natureza).

O conceito de decadência, já consubstanciado por um sentimento de culpa, evoluiu ao transformar-se na categoria dos "juízos de Deus". Osório via as recentes migrações dos bárbaros como o mais evidente dos "juízos de Deus", que "ocorreram para punir as culpas romanas", mais precisamente, para punir a perseguição de Diocleciano. A história é toda divina; cada evento fala diretamente a Deus.

Uma visão agostiniana e orosiana

orientará o olhar com que a Idade Média passa a encarar a História.

Mazzarino prossegue o exame da discussão das "causas" da decadência romana, partindo do humanismo, com Flávio Biondo, até atingir o século XX. Ao abordar a avaliação das obras de Zóximo, Eusébio e Procópio, afirma: "A história do baixo império é uma história de homens trágicos e fortes: Constantino, Juliano, Justiniano estão entre eles" (p. 120). Analisa a obra da historiografia da época moderna e a posição de autores como Löwenklav, Godefroy e Tillemont em relação a estes personagens e sobre problemas que considera permanentes: em que sentido Juliano se contrapõe a Constantino? como o cristianismo venceu o mundo clássico? Por que a economia unitária do império romano se esfacelou? Os bárbaros atacaram um mundo em fragmentação? A opinião do próprio Mazzarino é ressaltada quando ele reafirma que os cristãos eram a "grande minoria criativa" e a construção nova que edificaram deu sua estrutura à história da nova época (p. 138).

A parte II deste *O fim do mundo antigo* discute a situação da mulher, do escravo, do colono, as relações camponesidade, os bárbaros. Ao comentar autores como Ortega, Dopsch, Pirenne, Ferrero e Piganiol, vai se tornando visível o ponto de vista e a perspectiva que orientam a obra.

Assim, o século III marca uma época de nova consciência; a revolução espiritual libertou a mulher da sujeição a um tradicionalismo paternalista da antiga civilização pagã.

Os capítulos 9 e 10 constituem um núcleo interpretativo em torno de Max Weber, sobre as assertivas deste em relação às causas sociais do declínio da cultura antiga: "enquanto o escravo subia socialmente até a posição de camponês obrigado a prestar serviços pessoais, o colono descia à condição de

camponês ligado à terra (servo da gleba)". Mazzarino classifica o ensaio no qual Weber faz esta colocação como sendo o que de mais genial e fundamental se escreveu sobre a crise econômica da Antiguidade (p. 164). Não aceitar, todavia, que a substituição do escravo sem família pelo uso de colonos e escravos casados teria sido provocada pelo fim das guerras de conquista; a própria exigência de maior rendimento econômico seria a responsável pela mudança.

Ao comentar a teoria de Mickwitz sobre o confronto entre economia natural (preferida pelo fisco) e economia monetária (preferida pelos contribuintes) no século IV, Mazzarino inverte a fórmula: os contribuintes preferiam pagar os impostos com produtos da natureza e não com dinheiro, pois nos sécs. IV e V a *ADAERATIO* (estimativa em dinheiro dos impostos devidos) dava margem a perigosos excessos por parte dos funcionários estatais.

Outra crítica, desta vez a Rostovzev, nega a crise do império como consequência de um conflito entre camponeses e "burguesia" urbana. Tomando como exemplo a rebelião de 238 contra o imperador Maximino na África, o A. demonstra a não existência da pretensa solidariedade entre camponeses e soldados em oposição às classes cultas (teoria defendida por Rostovzev).

Mazzarino utiliza o conceito de "etnos" (já recorrente em Hipólito) levantando o problema das "nações" submetidas por Roma mas não assimiladas. Não considera que estes fermentos "nacionais" constituíram uma "causa" única da morte de Roma. Sem o choque externo, de germanos no Ocidente e árabes no Oriente, eles não teriam assumido a importância decisiva que tiveram. Mas mesmo sem o choque germânico e

árabe, o império romano estava desarmado diante destes fermentos nacionais. Forças novas, reprimidas durante séculos, pressionavam a partir das bases.

Esta teoria da "democratização" da cultura no Império romano tardio, a visão do cristianismo como revolução espiritual *adversus vetustatem*, constituem a principal contribuição do pensamento deste historiador sobre o final do mundo antigo. Seguindo as vicissitudes da idéia de declínio, que remontam à própria Antiguidade, ao longo do período medieval e moderno, até chegar à década de 1920-1930, Mazzarino demonstra vasta erudição; sua vivacidade intelectual o leva a demolir posições consolidadas, ou poderíamos até dizer esclerosadas, relativas à sociedade e economia do império tardio.

Quanto à tradução, torna-se necessária uma observação a respeito de duas impropriedades: nas pp. 90-91 vocábulos italianos foram traduzidos incorretamente para o português como "triste/tristeza", enquanto que na tradução francesa preferiu-se usar "vil/ignoble" o que dá uma idéia mais aproximada do sentido original. Na p. 220 é o nome de um dos Museus Capitolinos de Roma, o *Museo dei Conservatori* que foi transformado em Museu dos "Conservatórios". Pequenos deslizes de tradução, no entanto, não invalidam a iniciativa de divulgar no Brasil esta obra que sem dúvida marca a historiografia do século XX.

MARIA LUIZA CORASSIN
Departamento de História
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Universidade de São Paulo